

**Iniciação Científica – FAPESP****Orientando: Pedro Pacheco e Zan****Orientador: Marcos Severino Nobre****Departamento de Filosofia/IFCH/UNICAMP****Jürgen Habermas e a Crítica da Razão Instrumental****Resumo expandido:**

O foco desta pesquisa é investigar e comparar as duas críticas que Jürgen Habermas faz ao projeto filosófico de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, desenvolvido nos anos de 1940 e apresentado na obra de autoria conjunta dos dois autores intitulada *Dialética do Esclarecimento*, de 1944. Busca-se identificar se existem diferenças determinantes entre as duas críticas de Habermas, que as tornariam distintas, se questionando sobre os motivos dessas divergências e seu peso filosófico para o projeto habermasiano. A primeira se localiza no primeiro volume de sua *Teoria da Ação Comunicativa*, publicada pela primeira vez em 1981, enquanto a segunda está no *Discurso Filosófico da Modernidade*, lançado apenas quatro anos depois.

Na *Teoria da Ação Comunicativa*, Habermas interpreta que a crítica à razão instrumental de Adorno e Horkheimer é uma releitura da teoria da racionalização de Weber. Isso porque, assim como Weber, os autores estão interessados na crescente autonomia dos subsistemas de meios e ação racional voltada para fins. Segundo Habermas, Adorno e Horkheimer entendem que a destruição da identidade individual se conecta com a burocratização e com o destacamento de sistemas de ação racional voltada para fins da cultura, pois os processos de apoio de individuação se encontram cada vez menos em um domínio de reprodução cultural que se desviou do irracional para o pragmático. De acordo

com o texto, os autores analisam o espaço entre cultura e produção a partir da noção de reificação de Lukács.

Porém, de acordo com Habermas, Adorno e Horkheimer radicalizam a teoria de Lukács, buscando explicar a estabilidade das sociedades capitalistas avançadas sem desistir da abordagem da crítica ao fetichismo da mercadoria. Portanto, eles precisam explicar o porquê de o capitalismo aumentar, simultaneamente, suas forças de produção e imobilizar as forças de resistência subjetiva. Eles tentam refutar a teoria de Lukács que diz que o processo de reificação teria que levar à sua própria superação, concordando com Weber na suposição de que a restauração da razão objetiva é impossível.

Assim, no primeiro texto, o autor afirma que Adorno e Horkheimer caem em um problema: não concordam com a visão de Lukács de que a pretensa racionalização completa do mundo tem seus limites no caráter formal de sua racionalidade, mas também radicalizam o conceito de reificação de Lukács, entendendo que a racionalização do mundo se tornou, de fato, completa. A partir disso, Habermas formula sua crítica aos autores da primeira geração da Escola de Frankfurt, entendendo sua crítica à razão instrumental como um equívoco que levou a aporias que devem ser superadas. Contudo, como identificado ao longo da pesquisa, o autor parte de uma interpretação própria da obra de Adorno e Horkheimer nos anos 40, no caso, a *Dialética do Esclarecimento* e o *Eclipse da Razão*, ambos de 1947.

Apesar da *Dialética* e do *Eclipse* serem dois livros que compartilham diversas teses, existem distinções entre eles que precisam ser consideradas. Em especial, a distinção conceitual entre as duas obras com relação ao tema da razão: enquanto na *Dialética do Esclarecimento* a razão é entendida como razão instrumental desde, pelo menos, a epopeia homérica, no *Eclipse da Razão*, Horkheimer apresenta uma distinção entre duas formas da razão (objetiva e subjetiva), que existem em conjunto, mas que, em determinados períodos históricos, uma se sobrepõe à outra. Porém, Habermas interpreta que Adorno e Horkheimer reduzem a razão subjetiva à mera razão instrumental.

Habermas mobiliza o conceito de razão subjetiva do *Eclipse da Razão*, na *Teoria da Ação Comunicativa*, com o intuito de contrapô-lo ao conceito de razão instrumental da *Dialética do Esclarecimento*, entendendo que Adorno e Horkheimer se equivocaram ao reduzir a razão subjetiva ao seu aspecto instrumental. Assim, o autor propõe um novo

aspecto da razão subjetiva, propriamente um aspecto intersubjetivo, que ele definirá como razão comunicativa. Porém, como identificado nesta pesquisa, há uma mudança bibliográfica no argumento de Habermas em seu texto de 1985: enquanto na *Teoria da Ação Comunicativa* o *Eclipse da Razão* é a obra central (inclusive nas comparações que o autor faz entre a crítica à razão instrumental e a teoria da racionalização de Weber), em *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Habermas deixa de se apoiar no livro de Horkheimer e volta o foco da sua crítica à *Dialética do Esclarecimento*. Essa mudança bibliográfica indica uma mudança de leitura que Habermas faz da posição de Adorno e Horkheimer: em 1981, o autor foca na reificação, enquanto, quatro anos depois, a noção de poder passa a ser central.

No texto de 1985, Habermas não se utiliza em nenhum momento do conceito de “razão subjetiva” e do equívoco de Adorno e Horkheimer ao reduzirem essa forma da razão ao seu aspecto instrumental. Em *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Habermas apresenta o conceito de razão instrumental da *Dialética do Esclarecimento* como um conceito a serviço da dominação. Segundo o autor, isso se deve ao fato de os autores tomarem a perspectiva crítica da modernidade como superada, totalizando o que Habermas entende por “crítica da ideologia”, que se volta contra si mesma. Nesse sentido, Adorno e Horkheimer cometem o mesmo erro que Nietzsche com sua teoria do poder na *Genealogia da Moral* e nivelam a imagem do mundo moderno, não fazendo jus ao que a cultura burguesa trouxe de positivo.

Portanto, há uma mudança na leitura de Habermas de um texto para o outro. Essa mudança pode estar relacionada ao objetivo do livro de 1985, que se volta à crítica pós-estruturalista da modernidade, tema que se tornou relevante na obra de Habermas no início dos anos de 1980. O autor traz uma interpretação do pós-modernismo, inaugurado por Nietzsche e levado adiante pelos pós-estruturalistas franceses, como uma corrente conservadora que visa anular completamente os potenciais transformadores da modernidade e, dessa forma, seria perigosa para Habermas. De acordo com os resultados da pesquisa, a virada de Habermas em direção à discussão pós-moderna pode ser o motivo pelo qual o foco da crítica do autor a Adorno e Horkheimer muda de um texto para o outro. Se, no primeiro, o autor realiza comparações da crítica à razão instrumental com Weber e Lukács, por meio do conceito de reificação e se apoiando, especialmente, no texto do

Eclipse da Razão, em *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Habermas deixa de lado esses autores, compara Adorno e Horkheimer a Nietzsche e sua teoria do poder, ignorando o aparato conceitual do *Eclipse*, mas focando exclusivamente na *Dialética do Esclarecimento*.